

#cm  
2  
TERÇA A QUINTA



Joachim Trier, diretor de 'Valor Sentimental', fala ao Correio

PÁGINA 5



TV Brasil exhibe 'Separações', do mestre Domingos de Oliveira

PÁGINA 6



Humberto Gessinger se aventura nas hostes metaleiras

PÁGINA 7



# O tempo é rei

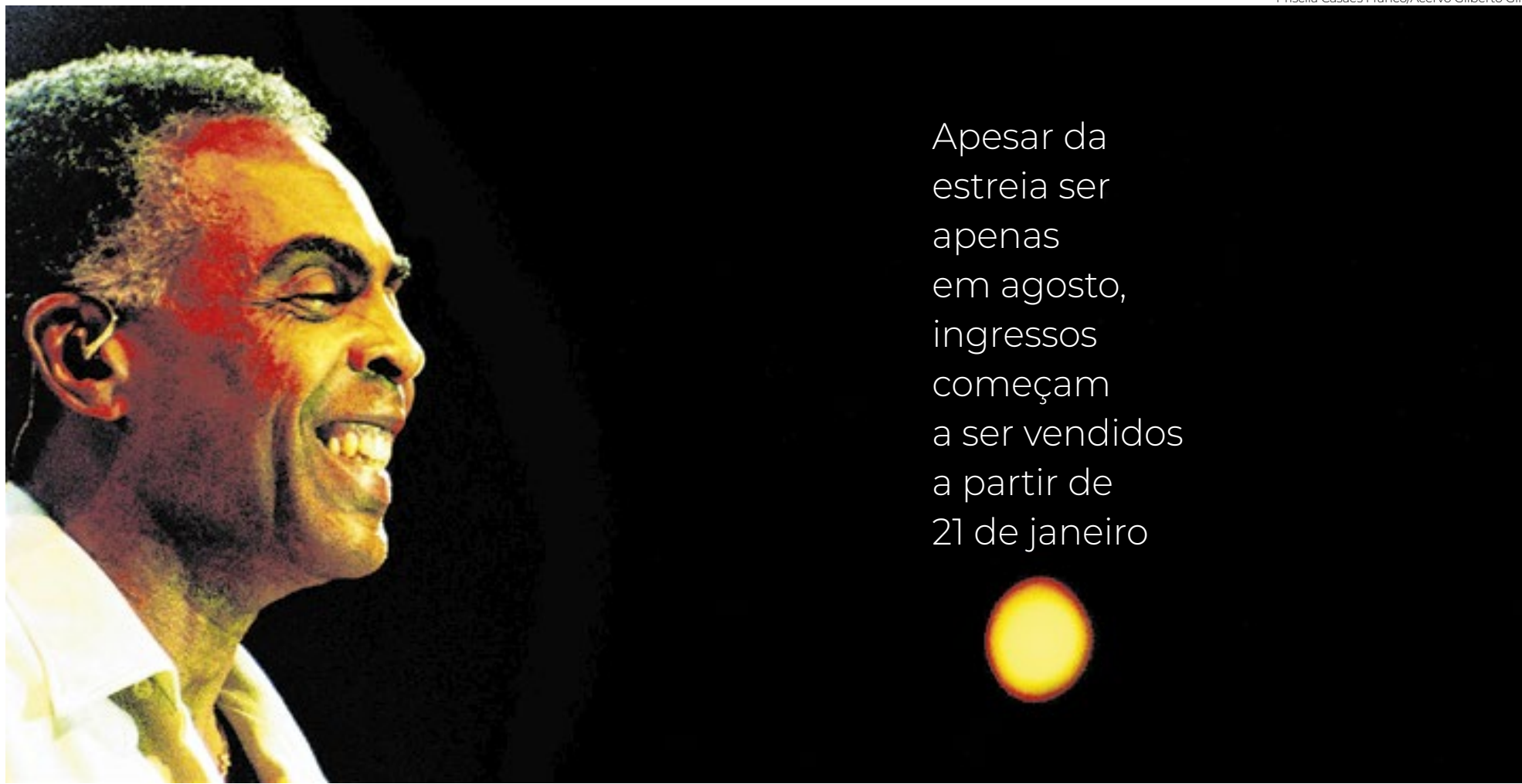
Espetáculo “Gil – Andar com Fé” revisita trajetória do artista baiano em superprodução dirigida por Miguel Falabella.

Páginas 2 e 3

Divulgação



Priscila Casaes Franco/Acervo Gilberto Gil



Gilberto Gil no show 'Viva São João 2' (2000)

AFFONSO NUNES

A partir de 22 de agosto de 2026, o Teatro Santander, em São Paulo, receberá a primeira biografia musical dedicada integralmente à vida e obra de Gilberto Gil. Intitulado “Gil – Andar com Fé”, o espetáculo chega aos palcos brasileiros como uma superprodução que promete revisitar a trajetória de um dos nomes mais importantes da música e da cultura do país, reunindo canções icônicas, episódios marcantes e passagens que atravessam suas diversas fases como criador, intérprete e pensador da música brasileira.

A direção é de Miguel Falabella, com texto de Newton Moreno, cuja obra se destaca pela brasilidade e forte presença poética em títulos premiados como “Agreste”, “As Centenárias”, “Memória da Cana” e “Cangaceiras”. Na equipe de direção, Bárbara Guerra atua como diretora associada, trazendo experiência como produtora executiva, coreógrafa e diretora em grandes produções. A cenografia será assinada por Natália Lana, vencedora do Prêmio Bibi Ferreira de melhor cenografia pelo musical “Elvis – A Musical Revolution”. A realização é da Barbaro! Produções e Aurora Produções, com coprodução da Atual Produções, empresas responsáveis por espetáculos como “Tom Jobim Musical”, “Dreamgirls – Em Busca de um Sonho”, “Chorus Line” e “Donna Summer Musical”, entre outros. A produção ainda não tem elenco definido – as audições serão realizadas entre os dias 9 a 13 de março de 2026. Mas os ingressos já começam a ser vendidos a partir do dia 21 de janeiro na plataforma Symply.

# Produção do musical **definirá elenco em março**

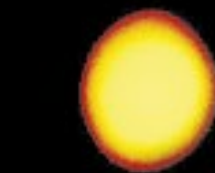
“Ainda estou num estágio embrionário da criação, mas penso numa grande homenagem a uma era, ainda que a grandeza do poeta homenageado seja atemporal. Ando muito mergulhado em Lygia Clark e, a exemplo do que fiz em ‘O Homem de La Mancha’ com o Bispo Rosário, acredito que vou seguir esse caminho”, disse Falabella ao Correio da Manhã.

Em vez de seguir uma linha cronológica convencional, “Gil – Andar com Fé” acompanha a trajetória de Gilberto Gil a partir do período do exílio em Londres, momento decisivo em sua vida e obra. A partir desse

ponto, o espetáculo conduz o público por lembranças que resgatam sua formação no sertão de Ituaçu, a efervescência de Salvador, os palcos do Rio e de São Paulo e episódios marcantes como o histórico show de despedida Barra 69, que antecedeu sua partida forçada do país.

Nesse percurso, surge Tempo-Rei, personagem maduro e de caráter quase mítico, que atua como guia e consciência, aproximando diferentes fases da vida do artista e estabelecendo diálogos entre o Gil jovem e o Gil do futuro. A história inclui figuras essenciais do universo de Gil, como Caetano Veloso, Flo-

Apesar da estreia ser apenas em agosto, ingressos começam a ser vendidos a partir de 21 de janeiro



ra Gil, Gal Costa, Maria Bethânia, Luiz Gonzaga, Sandra Gadelha, e artistas e familiares que ajudaram a moldar sua trajetória pessoal e musical, entre eles Jorge Mautner, Jards Macalé, Roberto Carlos, Nana Caymmi, além de filhos, netos e a neta Flor, que simbolizam a continuidade de seu legado.

Canções como “Eu Vim da Bahia”, “Andar com Fé”, “Aquele Abraço”, “Domingo no Parque”, “London, London”, “Tempo-Rei”, “Se Eu Quiser Falar com Deus”, “Drão”, “Vamos Fugir”, “Back in Bahia”, “Palco”, “Realce” e “Toda Menina Baiana”, entre muitas outras, fazem parte da

trilha sonora do musical, surgindo como elemento dramático fundamental, transformando lembranças em cena e recriando momentos de saudade, exílio, resistência, descoberta e celebração.

A vida que será celebrada no palco é a de um artista cuja trajetória atravessa mais de seis décadas. Gilberto Gil nasceu em Salvador e foi criado em Ituaçu, no interior da Bahia. Sua carreira começou no acordeão, ainda nos anos 50, inspirado por Luiz Gonzaga, pelo som do rádio, pelas procissões na porta de casa. No interior do Nordeste, a sonoridade que explorava era a do sertão, até que





Reprodução



Mário Luiz Thompson/Acervo Gilberto Gil

*Gilberto Gil é saudado pelo então secretário-geral da ONU, Kofi Anan, após discursar e cantar no plenário da organização em 2003*



Walter Firmo

*Gal Costa, Gilberto Gil, Maria Bethânia e Caetano Veloso: os Doces Bárbaros*



Acervo Gilberto Gil

*Gilberto Gil em Londres durante os anos de exílio*

surge João Gilberto, a bossa nova, e Dorival Caymmi, com suas canções praieiras e o mundo litorâneo, tão diferente do mundo do sertão. Influenciado, Gil deixa de lado o acordeão e empunha o violão, e em seguida a guitarra elétrica, que abrigam as harmonias particulares da sua obra até hoje. Suas canções desde cedo retratavam seu país, e sua musicalidade tomou formas rítmicas e melódicas muito pessoais. Seu primeiro LP, “Louvação”, lançado em 1967, concentrava sua forma particular de musicar elementos regionais, como nas conhecidas canções “Procissão”, “Roda” e “Vi-

ramundo”. Em 1963, ao conhecer Caetano Veloso na Universidade da Bahia, Gil inicia com o amigo uma parceria e um movimento que contempla e internacionaliza a música, o cinema, as artes plásticas, o teatro e toda a arte brasileira. A chamada Tropicalia, ou Movimento Tropicalista, envolve artistas talentosos e plurais como Gal Costa, Tom Zé, Rogério Duprat, José Capinam, Torquato Neto, Rogério Duarte, Nara Leão, entre outros. Este movimento gera descontentamento da ditadura vigente, que o considera nocivo à sociedade

com seus gestos e criações libertárias, e acaba por exilar os parceiros. O exílio em Londres contribui para a influência ainda maior dos Beatles, Jimi Hendrix e todo o mundo pop que despontava na época, na obra de Gil, que grava inclusive um disco em Londres, com canções em português e inglês. Ao retornar ao Brasil, Gil dá continuidade a uma rica produção musical, que dura até os dias de hoje. São ao todo quase 70 discos lançados, tendo sido premiado com 9 Grammys. Entre LPs, CDs e DVDs, como “Expresso 2222”, “Refazenda”, “Viramundo”, “Refavela”,

“Realce”, “UmBandaUm”, “Dia Dorim”, “Raça Humana”, “Unplugged MTV”, “Quanta”, “Eu Tu Eles”, “Kaya N’Gandaya”, “Banda Dois”, “Fé na Festa”, “Concerto de Cordas e Máquinas de Ritmo com Orquestra”, entre tantos outros, Gil criou uma vasta e abrangente obra musical e audiovisual. Um de seus mais recentes trabalhos, “Gilbertos Samba”, é uma reinterpretação de canções gravadas por João Gilberto e uma homenagem do discípulo para o mestre. Em 2015 e 2016 celebrou com Caetano Veloso os 50 anos de carreira em um show histórico, “Dois Amigos, Um

Século de Música”, registrado em CD e DVD. Em 2017 a Trinca de Ases foi lançada: Gil, Nando Reis e Gal Costa percorreram os palcos das principais cidades do Brasil e da Europa, projeto também registrado em CD e DVD. Em 2018, lançou o álbum “Ok Ok Ok” que traz a família, a doença que experimentou e o questionamento do posicionamento que a sociedade lhe exige. O álbum foi vencedor do Grammy Latino em novembro de 2019 na categoria “Melhor Álbum de Música Brasileira”. Cada novo projeto de Gil tem suas formas consolidadas em diversas turnês pelo mundo. Todo disco vira show e muito show vira disco. Sempre disposto a realizar turnês nacionais e internacionais para cada novo projeto, Gil é presença confirmada anualmente nos maiores festivais e teatros da Europa. Realizou diversas turnês pelas Américas, Ásia, África, e Oceania. Gil tem um público cativo em seus shows no exterior, desde suas primeiras apresentações internacionais em 1971, a partir da sua marcante participação no festival de Montreux, em 1978. Em 2002, após sua nomeação como ministro da Cultura, Gil passa a circular também pelo universo sociopolítico, ambiental e cultural internacional. No âmbito do ministério, em particular, desenha e implementa novas políticas que vão desde a criação dos Pontos de Cultura até a presença protagonista do Brasil em Fóruns, Seminários e Conferências mundo afora, trabalhando temas que vão desde novas tecnologias, direito autoral, cultura e desenvolvimento, diversidade cultural e o lugar dos países do sul do planeta no mundo globalizado. Suas múltiplas atividades vêm sendo reconhecidas por várias nações, que já o nomearam, entre outros, de Artista da Paz pela Unesco em 1999, embaixador da FAO, além de condecorações e prêmios diversos, como Légion d’Honneur da França, Sweden’s Polar Music Prize, entre outros. O reconhecimento de sua vida e obra mais recente veio através da nomeação de Doutor Honoris Causa pela Universidade de Berklee e de imortal pela Academia Brasileira de Letras para ocupar a cadeira de número 20. Ambos os títulos recebidos em 2021. Nos últimos anos, Gil realizou turnês de grande sucesso: com “Gilberto Gil & Family” se apresentou com sua família em vários festivais em sete países da Europa e com “Gilberto Gil – Aquele Abraço” percorreu Europa, Oceania e Ásia. Em 2025 iniciou a turnê de despedida, “Tempo Rei”, apresentando-se em vários estádios e arenas lotados, incluindo locais como Arena Fonte Nova, Allianz Parque, Arena Mané Garrincha, Ligga Arena e Mangueirão, com o último show marcado para o Allianz Parque em 28 de março de 2026. A turnê celebra sua longa carreira, emocionando plateias que comemoram o tamanho e a importância de sua obra.





Adriano Escanhuela/Divulgação

Othon Bastos revisita sua carreira, uma das mais sólidas de nossas artes cênicas, em 'Não Me Entrego, Não!'

# Uma declaração de amor ao ofício de atuar

Aos 92 anos, Othon Bastos retorna ao Teatro Vannucci com o monólogo 'Não me entrego, não!', um dos espetáculos mais celebrados de 2024 e 2025

AFFONSO NUNES

**G**igante das artes cênicas brasileiras, Othon Bastos retorna ao Teatro Vannucci com seu primeiro monólogo. O multipremiado "Não me entrego, não!" inicia 2026 com nova temporada na cidade, consolidando-se como um dos principais fenômenos teatrais de 2025. A trajetória do espetáculo impressiona pelos números: mais de 200 apresentações realizadas, 90 mil espectadores e uma coleção de prêmios para esta reflexão potente do artista sobre arte, resistência e memória.

A relevância de Othon Bastos para as artes cênicas brasileiras dispensa maiores comentários. No entanto, a disposição do ator de 92

anos de idade e 74 anos de carreira de colocar-se no centro da cena é uma verdadeira declaração de amor ao ofício de atuar. Considerado o maior ator brasileiro vivo, Othon construiu uma filmografia e uma trajetória teatral que se confundem com a própria história cultural do país. De "Deus e o Diabo na Terra do Sol", marco do Cinema Novo de Glauber Rocha, a "Um grito parado no ar", de Gianfrancesco Guarnieri, o ator atravessou gerações e movimentos estéticos sem jamais perder a potência interpretativa que o distingue. Agora, aos 92 anos, demonstra uma vitalidade cênica invejável.

O espetáculo que estreou em junho de 2024 percorreu o Brasil. Passou por São Paulo, Brasília, Recife, Fortaleza, Belo Horizonte, Porto Alegre, Salvador, Vitória, além de cidades do interior como Franca, Bau-

ru, Angra dos Reis e Taubaté. Um dos momentos mais emocionantes da turnê aconteceu quando a montagem levou Othon de volta a Tucano, na Bahia, sua cidade natal, onde não pisava havia mais de 80 anos.

A consagração crítica veio na forma de uma sequência impressionante de láureas. O Prêmio Shell reconheceu Othon como Melhor Ator de 2024, distinção que se repetiu no 19º Prêmio APTR de Teatro, onde levou o troféu de Melhor Ator Protagonista. Flávio Marinho, autor e diretor do espetáculo, foi premiado como Melhor Autor tanto no APTR quanto no Prêmio FITA, a Festa Internacional de Teatro de Angra. A produção da Gávea Filmes recebeu o reconhecimento de Melhor Produção de Teatro Não-Musical. Somam-se ainda o Prêmio Inspira Rio 2025 na categoria Cul-

**“**Ver Othon fazendo o povo rir - e rindo de si mesmo - é um privilégio único”

FLÁVIO MARINHO

tura, o Prêmio Arcanjo 2025 como Vencedor Especial, e o prêmio Cariocas do Ano 2024 da revista Veja Rio na categoria Teatro.

O texto de Marinho nasceu de um material bruto entregue pelo próprio Othon: um calhamaço de escritos confiados ao amigo de décadas. A partir dessa matéria-prima autobiográfica, o dramaturgo organizou a vida do ator em blocos temáticos - trabalho, amor, teatro, cinema, política. "É com o maior orgulho e alegria que eu vejo o sucesso nacional da peça. Mais de um ano e meio em cartaz contando a história de vida de um ator que se confunde com a história do Brasil. Ver Othon fazendo o povo rir - e rindo de si mesmo - é um privilégio único", observa o diretor. A estrutura permite que momentos marcantes da trajetória do ator sejam revisitados sem cair na armadilha da nostalgia vazia. As reflexões são pontuadas por citações e referências literárias que ampliam o alcance das memórias pessoais.

Para Othon, a experiência de fazer seu primeiro monólogo aos 92 anos representa um desafio inédito. "É um momento único, mesmo: meu primeiro monólogo e sobre a minha própria vida. É uma experiência muito forte eu ter que ser o meu próprio centro em cena", declara o ator. A escolha de privilegiar as lem-

branças alegres e divertidas, deixando de lado as amargas, revela uma concepção dramaturgica que aposta na generosidade como princípio. "Mas não trazemos nenhuma lembrança amarga, apenas as alegres e divertidas, para levar curiosidades que vivi ao longo desses anos todos ao público, que saberá o que se passa com um ator - que é uma pessoa comum. Mas, quando se recebe um dom como esse, você tem a capacidade de doar o que recebeu. Então é isso que eu quero, me doar - e que as pessoas me leiam. Quero que elas vejam quem eu sou e como sou", completa.

A disposição física e o entusiasmo de Othon em cena impressionam quem assiste ao espetáculo. Trabalhando sem parar, é ele o primeiro a questionar quando o intervalo entre as apresentações fica mais espaçado. Para o ator, estar em cena funciona como uma injeção de ânimo que estimula a vitalidade. Essa energia contagiante explica, em parte, o sucesso de público que transformou "Não me entrego, não!" em fenômeno. A peça consegue equilibrar o peso de uma carreira histórica com a leveza de quem ainda tem muito a dizer e a fazer.

Flávio Marinho resume a proposta do espetáculo ao explicar que, além do esqueleto dramático formado pelas histórias pessoais e profissionais de Othon, há um segundo nível de elaboração. "À primeira vista, o que temos é o próprio Othon Bastos em cena contando histórias divertidas e dramáticas da sua vida pessoal e profissional. Isto seria, digamos, o esqueleto dramático da peça. Só que este esqueleto é recheado de diversas reflexões, frutos imediatos do tema abordado por Othon. Por exemplo, depois que ele encontra o amor da vida, com quem está casado há 60 anos, o texto passa a refletir o sentimento do amor através de diversas referências e citações", explica o diretor. Essa camada reflexiva transforma o que poderia ser um simples relato memorialístico em uma meditação sobre os temas fundamentais da existência.

A peça propõe uma reflexão sobre resiliência e superação de obstáculos, temas que ganham força quando encarnados por alguém que atravessou quase um século de vida e mais de sete décadas de profissão. O mural de uma vida apresentado no palco funciona também como lição sobre como enfrentar as adversidades que se apresentam ao longo da existência. Nesse sentido, "Não me entrego, não!" transcende o biográfico para se tornar um manifesto sobre a potência da arte como forma de resistência e afirmação da vida.

## SERVIÇO

### NÃO ME ENTREGO, NÃO!

Teatro Vannucci (Rua Marquês de São Vicente, 52 / 3º andar - Shopping da Gávea) | De 2/1 a 1/2, sextas e sábados (18h) e domingos (16h) | Ingressos: Plateia - R\$ 150 e R\$ 75 (meia) e balcão - R\$ 50 e R\$ 25 (meia)



## ENTREVISTA | JOACHIM TRIER

CINEASTA



Gari Garaialde/SIFF

O realizador Joaquim Trier no tapete vermelho do Festival de San Sebastián

# ‘Prefiro pensar sobre a verdade humana’

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Com sua arrecadação global em venda de ingressos hoje estimada em US\$ 12 milhões, “Valor Sentimental” (“Affeksjonsverdi”) chegou ao Brasil no dia de Natal desancando a concorrência em latitudes variadas, peitando desde títulos de confecção estética mais esmerada (tipo “Foi Apenas Um Acidente”) até pipocas com “Anaconda” e “Avatar: Fogo e Cinzas”. Espalhou-se por cem salas de projeção em 26 cidades do país. No último final anterior à chegada do Papai Noel, esse drama de CEP norueguês reuniu 3 mil espectadores em sessões antecipadas, alcançando a 7ª posição em público no ranking nacional neste período de festas.

Sua escalção para disputar oito Globos de Ouro no dia 11 de janeiro - tendo “O Agente Secreto” como rival - amplia sua relevância e potencializa o prestígio de seu realizador, Joachim Trier. O sobrenome pode evocar o diretor de êxitos como “Dogville” (2003) e “Dançando no Escuro” (Palma de Ouro de 2000), o dinamarquês Lars von Trier. Tal evocação não é gratuita. O pai de Joachim, o técnico de som Jacob Trier, nasceu na Dinamarca e tem um parentesco distante com Lars, polemista por trás de “Melancolia” (2011). Mas ele e Joachim, de gerações diferentes, não são próximos. Nem no estilo de filmar, nem nas provocações.

Aos 51 anos, Joachim ganhou notoriedade há duas décadas, ao lançar “Começar de Novo”, que vai estar no dia 1º no streaming MUBI, empresa responsável por distribuir “Valor Sentimental” por aqui em parceria com a Retrato Filmes. Ganhador do Grande Prêmio do Júri de Cannes, o longa mais recente do realizador explora as memórias das irmãs, órfãs de mãe, a atriz Nora e a historiadora Agnes (vivas por Renate Reinsve e Inga Ibsdotter Lilleaas) em meio ao regresso do pai, Gustav Borg (vivido por um Stellan Skarsgård em estado de graça em cena). Ele é um cineasta renomado, hoje dedicado a títulos documentais, que se manteve distante da família por anos e surge em busca de reconciliação através de seu novo projeto: uma ficção. Esse tal projeto aborda o suicídio da mãe dele, avó de suas meninas, e seu desejo de ter Nora como sua protagonista. A recusa dela leva o artista a travar parceria com uma estrela americana, Rachel (Elle Fanning). Só que mexer num vespeiro familiar há de dar ruim...

Trier trouxe Reinsve de seu cult anterior, “A Pior Pessoa Do Mundo” (2021), que valeu a ele uma indicação ao Oscar de Melhor Roteiro Original. A conversa dele com o Correio da Manhã foi promovida via Zoom pela Golden Globe Foundation.

“Eu tento entender o que uma sequência faz a plateia sentir”

“Eu filmo para uma tela grande. Gosto de ter centenas de pessoas numa sala de cinema presas ao silêncio e à emocionalidade das personagens”

**Seu “Valor Sentimental” equaliza todas as personagens numa atmosfera solitária interna que se faz notar mesmo nos encontros e nos reencontros. O que essa solidão estrutura?**

**Joachim Trier** - Retrato pessoas que se encontram incapazes de chegar umas às outras. Talvez a evasão de Gustav Borg, o pai, vivido por Stellan, na vida pregressa de suas duas filhas, tenha gerado esse sentimento. Elas não sabem como atravessar isso nem como falar sobre isso.

**No diapasão de dor que reverbera a angústia de um clã alquebrado, “Valor Sentimental” tangencia o melodrama, dialogando com bases clássicas do filão, que nos deu**

**Douglas Sirk, Fassbinder, Almodóvar. Qual seria o eixo melodramático do filme?**

Eu evito pensar sobre gêneros dramáticos quando trabalho, pois prefiro pensar na verdade humana. Talvez isso te soe pretensioso, mas é realmente o que eu busco. Eu tento entender o que uma sequência faz a plateia sentir. Tradicionalmente, segundo o modo de produção de Hollywood, o que chamavam de melodramas, muitas vezes eram narrativas que se debruçavam sobre o drama devastador das pequenas coisas da vida. Partiam delas para falar das grandes coisas, e isso me interessa muito.

**No dia 1º de janeiro, a MUBI, que abraçou “Valor Sentimental”, inclui em sua plataforma seu primeiro longa-metragem, “Começar de Novo” (“Reprise”), que está comemorando 20 anos. Ali já se nota a marca de silêncio que guia seu cinema. O que a quietude revela da sua obra?**

Meu pai era designer de som e a convivência com ele me fez notar que, no cinema, o silêncio pode ser a estrutura mais poderosa, sobretudo porque filmo em 35mm. Eu filmo para uma tela grande. Gosto de ter centenas de pessoas numa sala de cinema presas ao silêncio e à emocionalidade das personagens. Adoro música no cinema, mas não sempre no clímax de um longa-metragem. Em termos de valor cinematográfico, o clímax tende a ser muito assinalado, muito demarcado. Prefiro deixá-lo acontecer sem interferência.

**Com toda a sua universalidade, “Valor Sentimental” concorre a prêmios representando a Noruega. O que ele tem de mais... norueguês?**

Quando se chega numa casa norueguesa, todo mundo tira seus sapatos quando entra e anda de meias. É uma marca. A Noruega, durante metade do ano, está coberta de neve e toda a gente tem os pés molhados. Ficar descalço nesse contexto faz muita gente rir, mas é uma tradição. Por outro lado, a uma perspectiva da Noruega no filme que diz respeito ao trauma da II Guerra. Não estamos sozinhos nessa, óbvio, mas a ocupação de nosso país foi algo traumático. Meu avô foi capturado durante a guerra e ficou muito traumatizado. A geração dele não falava muito sobre essas coisas e isso é uma marca do meu país a ser tratada.





Glorinha (Priscilla Rozenbaum) e Cabral (Domingos Oliveira) vivem um amor que passa por uma gangorra em 'Separações' (2002)

# Domingos Oliveira presente... e eterno

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

**P**erpétuo tanto na arte quanto na saúde da gente, Domingos de Oliveira (1936-2019) inspira várias celebrações em 2026. Tem a comemoração dos dez anos de “BR716”, uma dramédia memorialista que lhe rendeu o Kikito de Melhor Filme no Festival de Gramado de 2016. Tem a celebração dos 60 anos de seu cult supremo, “Todas As Mulheres Do Mundo”, coroado com o troféu Candango no Festival de Brasília de 1966. Tem os festejos (merecidos) de seus 90 anos, a serem completados em outubro, que hão de ser comemorados postumamente com a alegria característica de sua vida e sua obra.

Em meio a essas efemérides todas, a TV Brasil se antecipa e abre brecha, na televisão aberta, para um dos maiores sucessos que o dramaturgo, diretor teatral, ator e cineasta emplacou: “Separações” (2002). Nesta terça, às 21h, numa despedida com status de excelência de um ano no qual ofereceu à população brasileira uma grade cinéfila invejável, a rede pública (e educativa) de TV transmite a história de amor (auto)biográfica que acompanha a luta do

multiartista Cabral (Domingos) para reaver o benquerer de Glorinha, papel de Priscilla Rozenbaum.

Dedicada hoje à pesquisa de uma peça teatral sobre Jean-Luc Godard (1930-2022) com José Karini e Felipe Vidal, ela foi companheira de vida e de obra do realizador e é guardiã de seu legado. “Cinco anos depois da separação real, resolvemos escrever o roteiro (que gerou o filme)”, conta a atriz, que também é produtora e diretora. “Fizemos a escaleta, cada um com uma versão um pouco diferente do outro, pois a realidade é pura ficção. Fomos indo aos acontecimentos: a cronologia da separação. A tal escaleta: os fatos, pois memória é ficção”.

Lançado no Festival de Gramado em 2002, “Separações” ampliou o prestígio de Priscilla ao assegurar a ela o Kikito de Melhor Atriz num ano em que “Durval Discos”, de Anna Muylaert, fez a festa na Serra Gaúcha. Suzana Saldanha, destaque no elenco de Domingos, no papel de uma amiga das antigas de Cabral, recebeu o troféu de Melhor Coadjuvante.

“Sempre toquei cinema de ouvido. Penso que o valor de uma obra de arte está diretamente ligado ao benefício prático do espectador. Se o filme te ensina algo que você pode usar dali por diante, ele é bom, muito bom, ótimo, genial”, disse Domingos, em sua derradeira entrevista

TV Brasil exhibe na despedida de sua grade cinéfila de 2025 a comédia cult ‘Separações’, numa espécie de esquentada para a celebração dos 90 anos do realizador e dramaturgo

ta ao Correio da Manhã, ao passar sua trajetória em revista, afirmando ser movido por sentimento de grupo... e pela paixão. “Nada me faz mais feliz do que ver a Priscilla sair premiada”.

Coerente com suas palavras, Domingos entrou em erupção em Gramado quando sua estrela foi laureada. O Cabral de “Separações” carrega muito dele. No filme, embora ele seja caidinho por Glorinha (vivida por sua musa e parceira), sofre com a inquietude filosófica de que “amar é querer o bem do outro”. Em dado momento, esse querer passa a jogar contra ele, uma vez que o impede de curtir outras vivências.

Por isso, ele vive propondo “folga” à sua amada. Em meio a um hiato desses, o casal tromba com o arquiteto Diogo (Fábio Junqueira), que foi aluno de Cabral e tem um romance inacabado na gaveta. O sujeito acaba por flechar o miocárdio de Glorinha, que se afasta do companheiro. Essa ruptura afeta ainda o encenador Ricardo (papel de um hilário Ricardo Kosovski), ex-namorado de Glorinha, que tem um romance com a jovem Maribel (Nanda Rocha); a atriz Júlia (Maria Ribeiro, em exemplar interpretação), filha de Cabral; e Laura (a já citada Suzana Saldanha), confidente do atormentado artista.

“Domingos teve a ideia de comparar a separação ao sofrimento da morte, às cinco fases de um doente terminal. Partiu de um livro que Maria Clara Machado tinha dado pra ele, da (psiquiatra suíça Elisabeth) Klüber-Hoss, chamado ‘Sobre a Morte e o Morrer’. Isso fechou a dramaturgia”, diz Priscilla. “Depois, ele escreveu o monólogo ‘O Homem Lúcido’, que fecha o filme, mas não contou a ninguém que era um texto dele. Disse que era um documento achado nas escavações antigas de uma época pré-histórica. Todos acreditaram. Só eu sabia que não. Transformamos toda aquela dor em dramaturgia. Era um roteiro, mas como não tínhamos dinhei-

ro para fazer cinema, pois cinema é caro, fizemos primeiro no teatro, no palco do Planetário da Gávea, que nós construímos e estávamos ocupando na época. Era a nossa casa”.

A peça foi um enorme sucesso, como conta a atriz: “Naquela época se lotava teatro com gente sentada na escada. Na sequência, nós nos unimos à produtora Raccord e à Cara de Cão, que adiantaram um dinheiro e filmamos tudo em uma semana, pra valer, na ordem. Montamos desse material uns 15 ou 20 minutos, e com esse trecho de corte entramos em um edital da Petrobras e ganhamos. Baixo orçamento, como sempre. Acho que foi um milhão, na época. Filmamos intensamente o que faltava por mais 21 dias. O filme foi feito no nosso apartamento alugado no Leblon. Lembro do último dia, no bar Garcia & Rodrigues. Começamos quando o restaurante fechou e fomos até a manhã seguinte. Abrimos a champagne comemorando o aniversário de Glorinha minha personagem. Domingos gritou: ‘Viva a Priscila!’. E a câmera foi para os refletores mostrando a filmagem. Tenho a impressão que foi puro jazz”.

Lançado comercialmente em janeiro de 2003, “Separações” venceu o Festival de Mar Del Plata, na Argentina, de onde saiu com os prêmios de Melhor Filme e Ator, para Domingos, que viveu com intensidade a fase designada como Retomada (1995-2010) da produção audiovisual do país. Depois de um hiato estimado em 18 anos sem filmar para o cinema, dedicado à TV Globo e aos palcos, Domingos saiu da seca cinematográfica em 1998, com “Amores”, vencedor do Kikito de Júri Popular em Gramado que abre uma porteira para pastos verdíssimos onde o realizador carioca viria a semear a essência estética de uma nova fase dramática. Priscilla esteve sempre ao seu lado nessa travessia.



# Um engenheiro NO METAL



Humberto Gessinger e os integrantes da It's All Red: uma parceria surpreendente para os fãs

AFFONSO NUNES

**A**os 60 anos, Humberto Gessinger materializa em gravação algo que sempre esteve presente em sua formação musical, mas nunca de forma tão explícita: sua relação com o heavy metal. A faixa “Pertencimento — pt.2”, parceria inédita com a banda porto-alegrense It's All Red, chegou às plataformas digitais trazendo a voz inconfundível do ex-líder do Engenheiros do Havaí sobre uma base de prog metal, revelando um lado oculto do músico.

“Desde o início, o pessoal do rock me achava muito MPB e a MPB me achava muito rock. Gaúchos me achavam uma banda nacional e o Brasil me achava uma banda gaúcha”, recorda Gessinger. E foi justamente na maturidade dos 60 anos que o músico se permitiu reverenciar suas raízes metaleiras sem qualquer constrangimento. “Minha árvore genealógica é Zeppelin–Purple–Maiden–Motörhead (por causa do baixo). Eu era mais progressivo do que metaleiro, mas aos 60 anos essas gavetas ficam pequenas demais pra caber toda diversidade bacana da música”, explica.

A faixa “Pertencimento — pt.2” é uma composição prog metal que equilibra o peso característico do It's All Red, banda ativa há 18 anos na cena porto-alegrense, com a assinatura vocal de Gessinger,

envolta por arranjos de violinos e teclados criados por Vini Möller, tecladista frequente nos trabalhos da banda e coautor do single. O solo de violino, improvisado no dia da gravação, é assinado pela violinista Maria do Carmo. A letra aborda o tema das migrações e deslocamentos humanos, inspirada nas histórias de imigrantes que chegaram ao Brasil, mas expandindo-se para abraçar o drama dos refugiados dos tempos atuais. A canção explora a sensação de nunca pertencer completamente a um lugar.

A parceria nasceu de uma amizade construída dentro do estúdio Soma Music Hub, em Porto Alegre, onde o guitarrista e produtor Rafael Siqueira trabalhou nas gravações de “Sem Piada Nem Textão” e acompanhou a pré-produção de “Revendo o que Nunca Foi Visto”, discos de Gessinger. O convite surgiu de forma orgânica, a partir de uma conversa sobre literatura. Rafael conta: “Gessinger postou uma foto com o livro ‘Mês

Nome emblemático do pop rock nacional, Humberto Gessinger se aventura no som pesado ao gravar faixa com a banda gaúcha Its All Red

“Tento não deixar que rótulos atrapalhem meu caminho. Desde o início, o pessoal do rock me achava muito MPB e a MPB me achava muito rock”

HUMBERTO GESSINGER

dos Cães Danados’, do Moacyr Scliar, e eu comentei que daria pra fazer uma música sobre essa obra e ele respondeu: ‘Pensei em ti

quando postei, daria mesmo!’ Na sequência o convidei pra fazermos um som juntos e ele aceitou!”

A colaboração rendeu material suficiente para que a música fosse dividida em duas partes. O trecho inédito integrará o próximo álbum da banda, atualmente em gravação. Gessinger contribuiu com letra e melodias vocais, enquanto Tom Zinsk, vocalista do It's All Red, colaborou com versos em inglês e alemão, completando o arranjo e a fusão de estilos. “Ouvir a voz do Humberto sobre uma base pesada foi emocionante. Dá vontade de fazer um disco inteiro”, destaca Rafael Siqueira. “Foi algo mágico. Conversar com ele sobre Opeth e Ghost (bandas modernas) enquanto experimentávamos ideias fez a gente se sentir uma banda só, um verdadeiro Slipknot de tanta gente!”, completa Zinsk.

“Estamos ansiosos para ver a reação do público, tanto nosso quanto o do Humberto, que é talvez um dos artistas que tem os fãs mais fiéis do Brasil inteiro”, diz Si-

queira. “Os fãs do Humberto são tão incríveis quanto os fãs de heavy metal. Se tivermos a honra da aprovação deles, teremos algo para lembrar pra sempre!”, compara Zinsk.

Gessinger relembra que, em seus tempos de colégio, discutir subdivisões de estilos musicais era a conversa favorita no recreio. “Chegávamos a detalhar subdivisões dentro de subdivisões de estilos, e isso era muito divertido. Com o tempo, porém, essas distinções acabam perdendo relevância”, diz. Sobre a experiência de cantar em uma faixa de heavy metal, ele mantém a postura que sempre o caracterizou: “Tento não deixar que rótulos atrapalhem meu caminho. Conheci o It's All Red através do Rafa e achei legal”.

O It's All Red é conhecida por suas performances ao lado de nomes como Megadeth, Cavalera Conspiracy, Paul Di'Anno e Ratos de Porão. Com três álbuns e quatro EPs lançados, além de diversos singles, a banda se destacou no cenário rock e metal brasileiro e argentino. Seus álbuns “The Natural Process Of...” (2010) e “Lead By The Blind” (2015) tiveram repercussão internacional, sendo lançados no Brasil e na Europa. Entre os trabalhos recentes estão os singles “H5N1”, que ganhou uma versão para meditação, e “Moment”, que retrata o medo de multidões em tempos de incertezas sociais.



# CCBB Educativo

## amplia programação com laboratórios inspirados nas exposições em cartaz

Amanda Mello/Divulgação

Atividades gratuitas exploram universos de Mauricio de Sousa, manguezais e obra de Flávio Cerqueira em experiências criativas para todas as idades

O CCBB Educativo – Lugares de Culturas apresenta uma programação diversificada de laboratórios artísticos relacionados às exposições em cartaz no Centro Cultural Banco do Brasil. As atividades, realizadas no Ateliê Aberto do primeiro andar e em outros espaços do prédio propõem experiências criativas que aproximam o público das linguagens da ilustração, escultura e sustentabilidade.

Entre as propostas está “Inventamundos”, laboratório que busca inspiração nas bonecas de papel e nas histórias em quadrinhos infantis. Criada pela equipe de arte-educadores do CCBB Educativo, a atividade tem como objetivo desenvolver a criatividade do visitante por meio da criação de personagens originais, completos com história, cenário e roupas customizadas. Utilizando materiais diversos, a proposta convida os participantes a refletirem sobre a complexidade das formas e cores que compõem uma figura, aproximando-os do universo da ilustração com foco na exposição “Viva Mauricio – Mauricio de Sousa, a experiência imersiva”.

Outro laboratório em destaque é “Formas do Manguê”, que convida o público a investigar o universo dos manguezais por meio da criação de esculturas inspiradas nas formas dos mangues e de sua fauna e flora. Utilizando argila, plantas secas e gravetos, cada participante desenvolve sua própria interpretação desse ecossistema. Ao final, as esculturas são integradas a uma maquete do território brasileiro, permitindo observar como os manguezais se relacionam com outros biomas. A experiência, desenvolvida pelo projeto CCBB Educativo, reúne criação, investigação e imaginação, aproximando o público deste ecossistema

vital, tema da exposição “Manguezal” em cartaz.

Inspiração pela riqueza dos ecossistemas costeiros, a atividade “Cores da Terra” convida o público a experimentar a pintura a partir de pigmentos naturais. A proposta busca valorizar os recursos da natureza e incentivar práticas sustentáveis no cotidiano. Ao conversar sobre a preservação do meio ambiente e estimular o olhar atento, a equipe do CCBB Educativo desperta nos participantes o cuidado e o encantamento pelas cores que nascem da terra.

Já o laboratório “O Que o Título Diz?” convida o público a criar colagens inspiradas nos títulos poéticos das obras de Flávio Cerqueira. A partir daí, cada participante reflete sobre o que aquelas palavras despertam. Utilizando a técnica da colagem, o laboratório propõe um encontro entre palavra, imaginação e criação, aproximando o visitante do universo simbólico do artista.

O CCBB Educativo também apresenta “Poesia de Bronze”, atividade interativa voltada para a exposição “Flávio Cerqueira – Um Escultor de Significados”. Aberta a todos os públicos, a proposta convida os visitantes a explorar os sentidos das obras do artista, que utiliza o bronze para representar o cotidiano e valorizar experiências de pessoas comuns. Na estação, o público recebe um cartão com a silhueta de uma escultura e escolhe um título que reflita sua percepção. Em seguida, localiza a obra na mostra e compara sua interpretação com o título original dado pelo artista. A dinâmica evidencia o caráter plural da arte de Flávio Cerqueira e o papel ativo do espectador na construção de significados.

Para o público infantil, o programa “Pequeníssimas Mãos – Formas e Cores”, realizado em parceria com a Imanix, convida os participantes



A atividade Pequeníssimas Mãos convida os participantes a explorar o universo das formas geométricas presentes no cotidiano

a explorar o universo das formas geométricas presentes no cotidiano, como o formato de uma casa ou de uma laranja, por meio de uma experiência sensorial e criativa. Utilizando peças acrílicas imantadas, a atividade estimula a construção de novas formas e composições, promovendo o desenvolvimento da percepção visual, coordenação motora e imaginação.

### SERVIÇO

#### CCBB EDEUCATIVO - LUGARES DE CULTURAS

Centro Cultural Banco do Brasil (Rua Primeiro de Março, 66 – Centro)

Ateliê Aberto (laboratórios de artes): 1º andar. Sábados e feriados: 15h e 17h. Domingos: 11h, 15h e 17h

Campos de Arte – Poesia de Bronze: 2º andar.

Segundas, quintas e sextas: 10h às 19h. Quartas: 10h às 13h e 16h às 19h

Pequeníssimas Mãos: 1º andar. Domingos: 13h.

Duração: 25 minutos